

HISTÓRIAS DE PROFESSORAS NACIONALISTAS EM NARRATIVAS DE SI

Tânia Regina da Rocha Unglaub

Esta comunicação apresenta certa historiografia da educação catarinense contida em narrativas de duas professoras catarinenses que sentaram nos bancos do Curso Normal, do Instituto de Educação da cidade de Florianópolis, no período varguista. Depois de formadas foram exercer o magistério em escolas situadas no interior de Santa Catarina, principalmente em regiões de imigrantes, onde precisavam brasileiras os alemãezinhos ou italianos. Nesse trabalho também é apresentado dois relatórios de programações cívicas de 1939, que foram escritos a mão por professoras que ministraram aulas nesse período ditatorial.

As fontes históricas aqui apresentadas e problematizadas foram obtidas por meio da história oral, metodologia utilizada pela a autora desse trabalho, que fez parte da tese de Doutorado em História, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina em 2008. No momento da entrevista, as professoras, hoje aposentadas, falaram de si e buscaram em seus arquivos particulares álbuns fotográficos, contendo muitos retratos de festividades cívicas e comemorações organizadas por elas. Também mostraram relatórios e diários de classes, bem como cadernos de anotações contendo narrativas, poesias e cânticos nacionalistas. Estas escritas ordinárias possibilitam a aproximação das práticas vivenciadas em um período autoritário, revelando ideais, sonhos e dificuldades de mestras que ministraram aulas em grupos escolares no estado catarinense. O modo de escrever registrado nos diários e cadernos de anotações nos dá a perceber que estes documentos serviram de guias para suas atividades pedagógicas, com também para cumprir uma exigência oficial de planejamento a ser apresentado ao inspetor escolar.

O contexto histórico cultural vivenciado por estas mulheres foi marcado pelo governo autoritário varguista, com todas as estratégias que envolveram este momento. Elas participaram da campanha de nacionalização como alunas e professoras nacionalistas em prol da formação do cidadão brasileiro. Aprenderam e ensinaram poesias e canções para serem apresentadas nas datas cívicas que pontilhavam o calendário anual brasileiro. As escolas tinham a obrigação prestar homenagens vultos e feitos heróicos nos dias determinados pelo Departamento de Educação e Cultura, para

construir o sentimento de brasilidade nos educandos e demais cidadão residentes neste país.

Compondo o conjunto das festividades cívicas, comemorava-se a Semana da Pátria, o aniversário do presidente e do Estado Novo, o dia do trabalho, de Tiradentes, de Duque de Caxias, da Bandeira, da Raça, do Soldado e outras, além das datas impostas pelos Estados e Municípios. Em Santa Catarina festejava-se o aniversário do interventor Nereu Ramos e das cidades. Também as inaugurações de retratos de personalidades e visitas de autoridades se tornavam dias festivos e feriados facultativos, verdadeiras mobilizações cívico-patrióticas. O Estado Novo buscava atingir, através das comemorações cívicas, que eram verdadeiras propagandas do governo, a legitimidade necessária à sua manutenção. Aproveitava-se também para tornar dias festivos, e declarar feriado facultativo, as inaugurações de retratos de personalidades e visitas de autoridades. Nestas situações organizavam-se programas cívico-patrióticos que favoreciam a aglomeração de gente. Estes eventos eram devidamente ensinados e ensaiados por professoras com formação nacionalista.

A depoente Isabel Lins, de 81 anos de idade, (Entrevista realizada dia 13/12/2005) relatou como no seu tempo de aluna do Curso Normal se preparavam e se organizavam para estas cerimônias cívicas. Além de servir a pátria, como estudantes, os dirigentes da educação preocupavam-se em instruí-los para servir a pátria como professores normalistas. Isabel, como que querendo reviver aquelas práticas produzidas num momento bem definido historicamente examina as páginas de seu caderno, hoje encadernado em capa dura, para preservar seu conteúdo e relembra que o mesmo material foi depois reutilizado ao ministrar suas aulas. Este documento é constituído por letras de canções e poesias de cunho nacionalista, que exaltam a natureza, heróis da Pátria, boa conduta e família. Também afloram em seu relato muitas histórias associadas àquelas melodias cantadas em eventos cívicos e sala de aula. Bosi (2003, p. 23), faz referência a essas lembranças como uma imagem construída pelos materiais que estão à disposição no conjunto de representações que povoam o imaginário atual do indivíduo. Muitas vezes a memória invoca conjuntos referenciais instituídos pela sociedade.

A memória é organizada pelas ações e espaços, e se realiza a partir da afetividade. Os sujeitos se lembram bem, geralmente do que os marcou seja

positiva ou negativamente. Da mesma forma, uma dor (física, moral ou psicológica) pode ser apagada da memória em função da dificuldade de se administrar no presente sua lembrança. (PASSOS, 2003, p.103)

No entanto, esta seleção é sempre de cunho afetivo. Isabel, ao abrir o caderno utilizado nas aulas de Canto Orfeônico folheia aquelas páginas amareladas, marcadas pelo tempo, com o carinho de quem parece reviver momentos inesquecíveis. Afinal, aquela caligrafia que cuidadosamente desenhou as cópias manuscritas das músicas nacionalistas, parece transportá-la ao início da década de 40, no curso de formação de professores do Instituto de Educação de Florianópolis. Ao folhear aquele caderno grande, preto, de capa grossa, escolhe algumas músicas, e aquelas palavras ganham sons que remetem a entrevistada, com o poder peculiar da música, às mesmas salas onde primeiro aprendeu e depois ensinou os sons nacionalistas que moldaram as mentes infantis e adolescentes. Passado e presente se fundem num sorriso encantador de quem realmente saboreia as recordações como algo inesquecível.

É notável observar ao longo da entrevista que a forte influência do nacionalismo é percebida nitidamente na vida da estudante/professora, pois ainda faz brilhar seus olhos quando comenta as reminiscências. Mas os recursos utilizados pelo governo inculcaram tão fortemente no imaginário de Isabel e seus companheiros de estudo esses valores que eles se multiplicaram depois na vida de seus próprios alunos.

A entrevistada falou reiteradas vezes que no seu tempo de estudante aquelas músicas, por ela entoadas, eram as mais cantadas. Isabel faz questão de mencionar que essas canções eram cantadas marchando, em quase todas as tardes no pátio da escola e nas cerimônias cívicas nos desfiles de rua. Outra coisa que chama a atenção é que entre as canções ela fala e repete que “*as músicas possuem ritmo de marcha, e são músicas que dão energia*”. (Entrevista dia 13/12/2005). Repete que essas músicas eram próprias para se cantar marchando. Essas canções possuem ritmo e andamento musicais que parecem obedecer a um padrão que induz à disciplina do corpo, associado ao andar e marchar, destinado a regular ou acompanhar os movimentos das pessoas, mantendo a cadência, num estilo militar.

Além da influência do estilo musical, as letras dessas canções comportavam os ideais pensados para o país. “Mocidade” se apresenta como certeza do futuro da Pátria, defensora da Nação. Cantada em época de guerra quase todas as tardes e acompanhada

de marcha, utiliza linguagem explicitamente militar com frases como “cerremos fileiras” e “empunhemos o fuzil”. A letra ainda faz os cantores se apresentarem como paladinos da nação. “Estudante do Brasil”, por sua vez, apresenta o estudante como tendo a maior missão de lutar incessantemente para tornar bem maior o Brasil, com as passadas firmes dos alunos em marcha ecoando as palavras da canção “marchar, marchar para frente, e assim tornar bem maior o nosso imenso Brasil”. As crianças são representadas nesse momento, pelas letras dos hinos e canções como soldados do Brasil. Por isso deveriam lutar e também estudar por ele. Não é de se estranhar que essas músicas durante o tempo da guerra, eram executadas quase todos os dias. Mas mesmo após o conflito terminado elas continuaram a manter sua força na conclamação figurada de vitória.

Assim como essas letras, as demais músicas de Canto Orfeônico evidenciavam a preocupação em assinalar valores como o heroísmo dos vultos pátrios, o culto dos símbolos nacionais, o orgulho pela grandeza e a beleza do território nacional, bem como o ufanismo derivado do sentimento de pertencer a essa Pátria inigualável. Entretanto sem descuidar a valorização do homem brasileiro e sua cultura; do cidadão trabalhador que exercendo suas atividades honesta e honradamente, zela pela sua família e pelo progresso da Pátria.

Entre as músicas de exaltação aos heróis encontram-se personagens muito diversos como Cabral, na música Descobrimento do Brasil, Duque de Caxias, Tiradentes, o próprio presidente Vargas e até educadores como Pestalozzi e Orestes Guimarães. Quanto à exaltação da Pátria é digno de nota a expressão da frase da música Exaltação ao Brasil, que enfatiza: “cantar é saber viver pelo Brasil para ensinar ao povo varonil, que esta terra forte há de ser nossa até morrer porque nos viu nascer”. Pode se bem imaginar o efeito dessas frases sobre a mente juvenil, mesmo dos filhos de imigrantes estrangeiros, repetidas à exaustão em cânticos entoados garbosamente, com o entusiasmo natural de vozes em tenra idade. O resultado esperado pelas autoridades era mais que notório, tendo em vista que era conseguido sob ameaças ou represálias, aos que não conseguissem pronunciar adequadamente o idioma da Terra que os viu nascer.

A representação de uma pátria florida, alegre e vivaz aparece nas letras de canções como “Terra Brasileira” com sua melodia viva e em ritmo entusiástico. Essa

canção foi repetida por muitos anos. Isabel Lins conta que, mesmo depois de muito tempo, quando ela já era diretora da escola de aplicação, essa música ainda era entoada por uma nova geração de professoras em formação. Era, assim, garantida a continuidade do mesmo ideário, consolidando aquela representação nacionalista da Pátria brasileira.

Cacilda Moser, de 82 anos de idade (Entrevista cedida em 15/11/2006), também menciona como todos os espaços do cotidiano escolar eram usados para inculcar os princípios de brasilidade através dos sons nacionalistas. Ela também faz questão de mostrar seu caderno dos tempos de normalista, cujas páginas estão amareladas, marcadas pelo tempo. Cacilda relata que aquele caderno a acompanhou em muitos anos de seu magistério. Também o abre, folheia e entoa canções que lá estão anotadas.

Ela conta que iniciou seu magistério na cidade de Rodeio, no ano de 1943, logo após sua formatura no Curso Normal no Instituto de Educação. Ao relatar sua experiência, logo vem a sua memória, a visita de um inspetor num dia em que haviam programado um pic-nic com finalidade educativa e recreativa com todos os alunos do Grupo Escolar. Esta visita ilustre era do próprio João dos Santos Areão, Inspetor Federal das Escolas Subvencionadas. Ele chegou de surpresa e acompanhou o passeio. Ela fala com muita emoção e nostalgia, ao narrar que em meio ao *pic-nic*, o professor Areão reuniu o grupo para cantar uma música de sua própria autoria. A nova canção aprendida naquele passeio escolar intitulava-se “Patriotismo da Vovó”. A letra da primeira frase da música, já provoca sentimentos nostálgicos e saudosistas, pois assim começa: “quando estamos no campo em repouso, recordamos as lindas histórias que vovó contava do Brasil, seus heróis, suas glórias”. A professora Cacilda relatou que o coro dessa canção foi entoado a duas vozes. *“Ninguém conhecia a música; aprendemos ali mesmo e uma parte nós fizemos a duas vozes, ficou muito bonito. O inspetor era rígido, mas ensinava bem”* (ENTREVISTA CITADA)

Ao examinar a partitura desta canção, percebe-se que sua composição possui melodia e harmonia fáceis de serem assimiladas. Como quase todas as músicas nacionalistas, a extensão vocal era própria para as vozes infanto-juvenis. A estrutura musical também permite rápido aprendizado. Esta canção foi escrita em compasso quaternário. As estrofes estão na tonalidade de dó menor, evocando certa nostalgia, mas, quando entra na parte do coro, há modulação que transpõe a música para tonalidade de

Dó Maior, tornando-a alegre e vibrante, animando as palavras da canção: “Pois vovó mesmo sendo velha, sentia o dulçor da canção prazenteira/Que há de sempre sentir a mulher que por sorte nasceu brasileira”ⁱ. A letra do coro evoca o sentimento de pertença e orgulho para os nascidos no Brasil. Mas é digno de nota o forte apelo feminino: mulher brasileira.

Entre os inspetores que trabalharam arduamente na campanha de nacionalização do ensino em Santa Catarina, destaca-se a figura desse compositor e Inspetor Federal das Escolas Subvencionadas, João dos Santos Areão. Ele desempenhou um papel dinâmico e idealista, consubstanciada por viagens em todos os rincões desse território, trabalhando em prol da nacionalização do ensino, principalmente no período do Estado Novo. Entre as ações nacionalistas desenvolvidas em suas viagens, constatou-se a ênfase na sistematização, orientação e fiscalização do Canto Orfeônico. Esta prática nacionalista tornou-se efetiva no território catarinense, devido o desprendimento e interesse do inspetor Areão em agregar mais este encargo.

Programações cívico-patrióticas, canções e poesias nacionalistas encontradas em cadernos normalistas, com capas surradas pelo tempo, mas guardados com carinho, demonstrando um valor simbólico muito significativo.

Para o bom desempenho destas ações, estas mestras escreviam em seus diários o roteiro da programação e enviavam ao Departamento de Educação para examinado pelos inspetores de ensino e assim receber a aprovação da programação que seria ensaiada. Tanto as cerimônias cívico-patrióticas como essa atitude de controle era uma estratégia governamental do regime autoritário, então vigente.

Ao examinar os arquivos da APESC, encontrei relatos destas festividades escritas à mão por professores nacionalistas, que cumpriam seu dever para com a Pátria, neste período do Estado Novo. Segue abaixo um planejamento de atividades cívicas escrito, no ano de 1939 por uma professora da escola da Costeira do Ribeirão da cidade de Florianópolis, as atividades executadas por seus alunos no dia Sete de Setembro do vigente ano.

*Programa da festa do dia da Pátria,
na escola de Costeira do Ribeirão - Florianópolis*

*Às nove horas — canto dos Hinos usados
nas escolas, começando pelo Hino Nacional.
Em seguida, fazendo círculo dentro da sala
da escola, os alunos marcharam e cantaram
a canção dos Pássaros, e continuando e num
saíram todos, perfilando-se em frente a casa
escola, onde fizeram ligeiros números de ginástica.
Após estes, seguiu-se numma animadíssima
passeata, entoando-se diversos cânticos escolares
até alcançar a praia - Francisco Martins, onde
os alunos divertiram-se com bola, saltos, corridas,
etc.*

*Às 12 horas horas, de regresso à escola, foi oferecido
a gurizada diversas bandejas de biscoitos
muito finos.*

*À tarde (16 horas) Influenciados pela primeira
foi organizada segunda passeata com grande
entusiasmo da petizada, entoando cânticos diversos
e vivas a gloriosa data de 7 de setembro
ao Brasil, etc. etc.*

*À noite, houve animadíssimo baile oferecido a
crençada e valendo-se do ensaio, fez pequena
alocução sobre a data de 7 de setembro, seguindo-se
diversas declamações de recitativos pelos
alunos mais hábeis.*

*Às 24 horas, encerrou-se a festa com o - Hino
Nacional.*

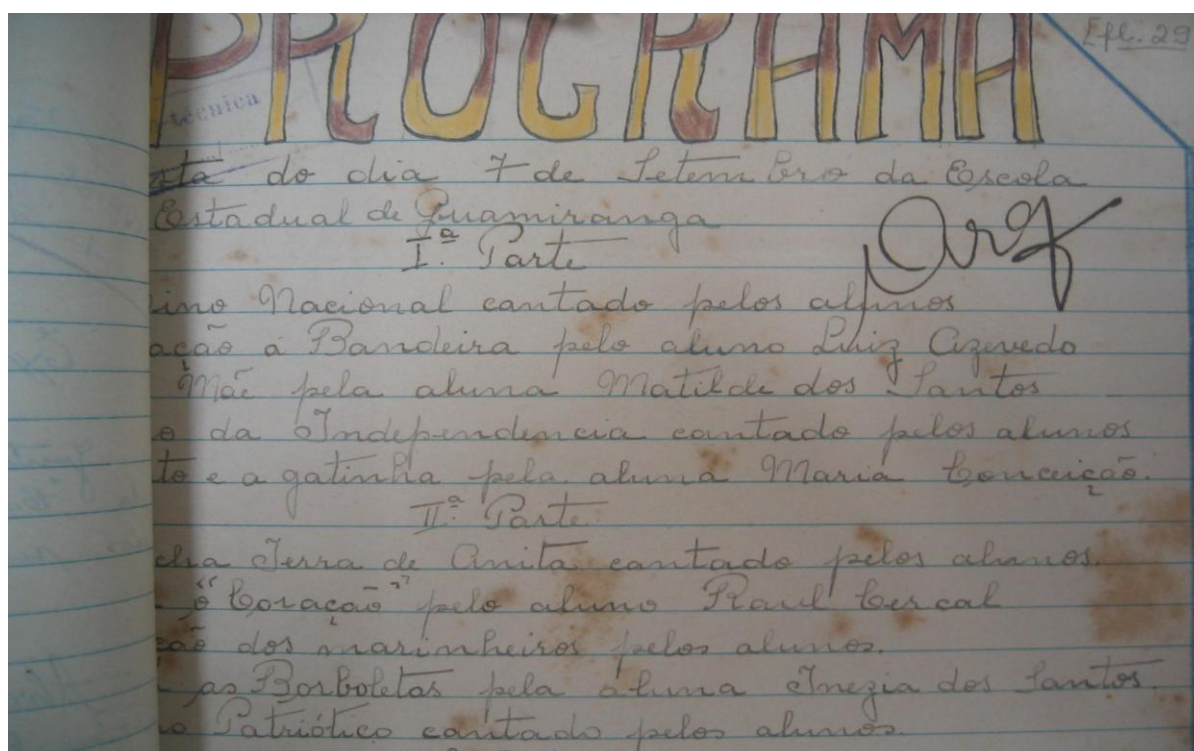
Costeira do Ribeirão, 8 de setembro de 1939.

Diário de professora - Programa do dia da Pátria na escola de Costeira do Ribeirão – Florianópolis, 1939.ⁱⁱ

Os detalhes da programação estão descritos minuciosamente, indicando a ordem completa das atividades. Também é possível perceber como os cânticos cívicos faziam parte deste cerimonial, marcando vários momentos desde o início das atividades até o encerramento. Na abertura o Hino Nacional foi entoado, logo em seguida, os alunos em círculo marchavam e cantavam simultaneamente a Canção dos Pássaros. Houve apresentações de alguns números de ginástica e após estas apresentações, os alunos saíram perfilados, cantando e marchando os hinos cívicos praticados na escola até chegarem à praia Francisco Martins. Divertiram-se com bola e outras brincadeiras e às 16 horas houve uma passeata nas ruas próximas “dando e ‘vivas’ a gloriosa data Sete de Setembro!”. A noite, em continuidade a esse cerimonial, houve mais saudações sobre a com diversas declamações pelos alunos mais hábeis e músicas entoadas pelo coro

orfeônico da escola. O modo de escrever da professora indicou sua preocupação em transmitir os sentimentos vivenciados naquele momento, por meio das seguintes expressões: ‘entusiasmo da piazada’ⁱⁱⁱ, ‘animosidade’ da passeata ao entoar cânticos de louvor a Pátria.

Neste outro diário, a outra professora, também deixou as marcas seu modo de escrever, tendo destacado o termo “PROGRAMA”, com letras maiúsculas, trabalhadas e coloridas.



Programa de festa no dia da Pátria da Escola Estadual de Guaramirim escrito por uma professora -1939^{iv}

Tanto num documento, como no outro, observa-se a intensidade que os cânticos cívicos patrióticos eram entoados, como parte deste cerimonial. Relatórios semelhantes chegaram ao Departamento de Educação, tanto de escolas da capital como do interior do Estado, detalhando minuciosamente sua programação. O nome das músicas cívico-patrióticas, recitativos, oração pela pátria, números de ginástica e outras atividades que engrandeciam a pátria brasileira foram registrados.

Os cânticos cívicos nas escolas, durante o Estado Novo, consagraram-se como fator importante e necessário na educação de toda criança e juventude residente no Brasil. Wisnik aponta que a música foi tomada como elemento de contribuição efetiva

para reverter a rica e perigosa desordem do “país-novo” em ordem produtiva, calando a múltipla expressão das diferenças culturais numa cruzada monocórdica. Assim sendo, o governo teve interesse em fazer com que o canto nacionalista participasse do cotidiano popular, sobretudo infantil, para que através do contato com a arte se pudesse transformar e elevar o nível moral, espiritual, e, até mesmo físico da massa infanto-juvenil da nação.

A música, mais especificamente o canto orfeônico, era o mediador estratégico na relação entre o Estado e as maiorias iletradas do País, lembra Wisnik (1992, p.134). O canto orfeônico desempenhou um papel de destaque na educação, pois ao ser divulgado como hinos pátrios, propagava a educação de sentimentos cívicos e disciplina coletiva. Os cantos criavam um ambiente lúdico e positivo, evitando o brusco sentido do obrigatório, do exigido, para apresentar o caráter vibrante de uma comemoração agradável e desejável a que acorriam habitantes locais e estrangeiros, buscando cada qual um melhor lugar, uma visão mais privilegiada do “show” a ser apresentado. Por isso não havia evento cívico sem cantos diversos. Fixava-se nos alunos e na população valores e trazia recordações que de outra forma perderiam sua força e cairiam no olvido rapidamente. Ainda mais quando percebemos que aquela era uma sociedade que não contava com os modernos meios de comunicação que mantém os fatos na lembrança através da propagação em massa de suas mensagens. Talvez este seja o motivo das professoras em seu modo de escrever utilizarem termos que indicavam os sentimentos dos alunos ao entoarem os hinos de louvor a Pátria.

O aprendizado dos hinos e canções patrióticas no período do Estado Novo era efetivo e dinâmico. Esteve integrado em quase todas as programações curriculares citadas, também buscava auxiliar na apreensão de várias disciplinas como história e geografia do Brasil, ensino de educação cívica, português, ciências naturais, moral e até educação física (REVISTA DE EDUCAÇÃO, 1936, p.23). Suas letras e melodias carregadas de conteúdos nacionalistas eram entoadas no ambiente escolar, com o objetivo de serem gravadas na mente infantil e levadas aos lares.

A escola transformou-se num palco de brasilidade através de um projeto específico de nacionalização, atuando de forma coerciva visando à assimilação cultural dos imigrantes a partir dos estabelecimentos de ensino primário. A padronização do ensino, com conteúdos nacionalistas para todos os cursos e outras atividades

curriculares como festividades cívicas nas escolas e locais públicos com apresentações de recitativos, marchas e canções de louvor a nação brasileira, foi determinada pelo sistema federal e estadual de educação.

As escrituras ordinárias que compõem estes documentos particulares revelam muito do cotidiano de mulheres que aprenderam e se dedicaram à arte de ensinar, num período nacionalista, através de uma cultura patriótica. Esses cadernos, anotações das festividades e canções cívico-patrióticas, fotos e demais materiais que formam esse acervo histórico, se tornam também um registro do papel dessas educadoras em todo o processo nacionalista. Enquanto elas ocupavam seu local de trabalho para servir a pátria, valendo-se de seu potencial para disseminação do nacionalismo aprendido em sala de aula, eram instruídas continuamente *in loco* por inspetores para não se desviarem do propósito nacionalista.

Os relatórios de professoras mostraram anotações de todo o ritual cívico a ser apresentado por seus alunos, bem como poesias e músicas nacionalistas. Até mesmo guias de programação são encontrados intactos, embora naquele tempo fossem impressões monocromáticas em simples folhas de papel. Essas relíquias bem guardadas de escritas ordinárias serviram para aproximar-se de uma cultura escolar vivenciada naquele período estadonovista.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, R. **A História Cultural. Entre Práticas e Representações**. (Tradução de Maria Mauea Galhardo). Lisboa: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

CUNHA, M. T. S. No tom e no tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar (segunda metade do século XX). In: BENCOSTTA, M. L. A. (org.) **Culturas Escolares, Saberes e Práticas Educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 79 – 102.

D'ARAUJO, Maria Celina Soares. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2000.

LÊ GOFF, Jacques. **História e memória**. 5.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**. A problemática dos lugares. Proj. História. São Paulo (10). Dez. 1993.p.27.

PASSOS, M. C. Memória e história de professores: como praticar é lembrar. In: VASCONCELOS, G. A. N. (org.) **Como me fiz professora**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

RIOUX, Jean-Pierre. A Memória Coletiva. In: RIOUX, Jean-Pierre.;SIRINELI, Jean-François. (org.) **Para uma história Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa 1998.

Revista de Educação. Florianópolis, ano I, n. 1. Janeiro/fevereiro. 1936. p. 23

UNGLAUB, Tânia Regina da Rocha. **O poder do canto ou o canto do poder? Um olhar sobre ousos do canto como prática pedagógica em Santa Catarina num período autoritário. (1937-1945)**. 315p. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

_____. *Getúlio da paixão Cearense*. In: SQUEL, Enio; WISNIK, José Miguel. **O Nacional e o popular na cultura brasileira – música**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

.

FONTES ORAIS:

LINS, Isabel. (81 anos). Entrevista concedida à autora da pesquisa. Florianópolis, 13/12/2005.

MOSER, Cassilda Miranda. (82 anos) Entrevista concedida à autora da pesquisa. Florianópolis, 15/11/2006.

ⁱ A professora Cacilda cedeu à autora desta pesquisa, fotografias, como também um caderno para tirar fotocópia, contendo várias poesias e letras de canções que usadas nas programações cívicas e aulas. Esta música está escrita nesse caderno.

ⁱⁱ Documento localizado no acervo pessoal das entrevistadas pela autora do artigo.

ⁱⁱⁱ Termo usado para os meninos e adolescentes.

^{iv} Documento localizado no acervo do Arquivo Público de Florianópolis, pela autora do artigo.